

Pesquisa revela como adultos podem, mesmo quando munidos das melhores intenções, atrapalhar o desenvolvimento infantil, porque muitas vezes o que foi pensado pelos mais velhos como estímulo retira todo o divertimento dos pequenos

Brincadeira de criança, como é bom

» ISABELLA ALMEIDA

Brincar é essencial para o desenvolvimento infantil, mas o desejo dos adultos de estimular esse crescimento pode mais atrapalhar do que ajudar. Mesmo as ações mais bem intencionadas de pais, responsáveis ou educadores caem nesse risco, porque os mais velhos têm um conceito diferente do das crianças sobre o que pode ser divertido. A conclusão é de uma pesquisa liderada pela Universidade de Aarhus, na Dinamarca, e publicada, ontem, na revista *Frontiers in Psychology*. Para entender o que de fato os pequenos gostam, os cientistas entrevistaram crianças em idade escolar e descobriram que a melhor alternativa é deixá-los decidir e se organizar com o mínimo de interferência, qual atividade querem fazer. “Talvez tenhamos dado os primeiros passos para descrever a magia e o caráter intangível que chamamos de brincadeira de uma maneira completamente nova”, afirma Andreas Lieberoth, da Universidade de Aarhus, autor principal do artigo. “Isso pode ajudar educadores e cuidadores a cultivar diferentes tipos de brincadeira, mesmo que elas não sejam ‘corretas’, ‘educativas’ ou até mesmo ‘agradáveis’ de acordo com os padrões adultos.”

Para a pesquisa, os cientistas entrevistaram inicialmente 104 crianças sobre brincadeiras. Em seguida, identificaram elementos recorrentes que descreviam o que tornava a brincadeira boa ou ruim, e desenvolveram uma lista de 83 afirmações. Depois, pediram a outras 504 crianças que se lembrassem de uma experiência de brincadeira boa ou ruim e a avaliassem, dizendo se concordavam ou discordavam das diferentes afirmações.

A equipe identificou sete elementos importantes na brincadeira: inclusão social, imaginação, transgressão, acessibilidade, brincadeira livre e estimulante, ter algo para fazer e algo que os cientistas denominaram “sensação de brincar”. O último fator foi o maior responsável pela classificação da brincadeira ser boa ou ruim.

Diversão e jogos

Segundo os autores, boas experiências de brincadeira nem sempre eram



Crianças brincando ao ar livre: liberdade para escolha das brincadeiras, e até para transgressões, faz bem



Os adultos deveriam parar de explicar às crianças como elas devem brincar e confiar na capacidade delas de resolverem as coisas por si mesmas

Hanne Hede Jørgensen, coautora e cientista da VIA University College, na Dinamarca

aquelas que os adultos responsáveis pela supervisão consideram agradáveis. “Em muitos casos, uma boa brincadeira não envolve transgressões. No entanto, em algumas ocasiões, o que realmente torna a brincadeira divertida e especial é a possibilidade de se soltar, provocar uns aos outros e, de modo geral, desafiar as normas da sociedade — ou do parque”, destaca Lieberoth.

Os cientistas também descobriram que a desarmonia prejudica a brincadeira. Perder o alinhamento social com outras

crianças transformava uma boa brincadeira em uma situação ruim.

“Alguns dos fatores que descobrimos revelaram a kryptonita antibrincadeira que muitos de nós reconhecemos desde a infância ou em exercícios de trabalho em equipe dolorosamente constrangedores”, disse Lieberoth. “A falta de alinhamento está no topo da minha lista pessoal. Já vi muitos adultos bem-intencionados tentando inserir uma criança desajeitada na brincadeira de outra pessoa, basicamente arruinando o alinhamento mútuo. Às vezes, um adulto é necessário para dar suporte, iniciar, inspirar e apoiar, mas em outros casos ele deveria se calar e ir embora.”

Conforme a psicóloga Regina Vera Dias Sautchuk, a presença dos adultos é positiva quando oferece segurança, encorajamento e suporte pontual. “No entanto, atrapalham quando tentam assumir o controle da brincadeira, interferir na dinâmica natural ou impor sua própria lógica sobre a atividade. Isso acontece, por exemplo, quando o adulto tenta organizar excessivamente o jogo, corrige o tempo todo ou direciona o que seria a ‘forma certa’ de brincar. Nesses

casos, a espontaneidade é interrompida e a criança deixa de explorar livremente. A criatividade infantil depende justamente da liberdade para experimentar, errar e reinventar regras.”

Os pesquisadores salientam que cada criança tem gostos diferentes. Uma brincadeira que agrada a uma pode não deixar outra feliz, especialmente em culturas diferentes. Oferecer mais oportunidades em que elas possam escolher experimentar jogos ou atividades diferentes, pode maximizar a inclusão.

Conforme Adelir Marinho, doutora em educação, pesquisadora da infância e psicopedagoga, as crianças são capazes de construir formas próprias de organização, regras e significados. “Quando não estão expostas a ambientes muito controladores e menos dirigidos, essas habilidades aparecem, ampliando sua capacidade de resolver problemas cotidianos, tomar decisões simples e expressar seus desejos e opiniões. Isso é observado na prática do brincar, quando ela inicia brincadeiras espontaneamente, cria regras e adapta combinados, sustenta a atividade por mais tempo, negocia com outras crianças, ainda que

Palavra de especialista

Arquivo cedido



1001 vantagens

“No contexto terapêutico, a brincadeira possibilita simular situações do cotidiano, nas quais a criança pode experimentar diferentes respostas comportamentais e receber reforço imediato para aquelas que são mais funcionais e adaptativas. Isso contribui diretamente para o desenvolvimento de habilidades sociais, autocontrole e resolução de problemas. Mais do que um momento de lazer, o brincar é um espaço estruturante do desenvolvimento. O desafio não está em deixar a criança totalmente livre ou excessivamente dirigida, mas em construir um ambiente onde ela possa participar ativamente do próprio processo de aprendizagem, com apoio sensível e intervenções estratégicas quando necessárias.”

Marina Trunci, psicóloga especialista em saúde mental na infância e adolescência, psicopedagoga e mestre em distúrbios do desenvolvimento

com conflitos, demonstra envolvimento, curiosidade e imaginação e tolera frustrações sem desistir imediatamente.”

“A última coisa que queremos é que as pessoas usem este trabalho para criar regras de ‘brincadeira correta’”, disse Lieberoth. “Isso não existe. Estou convencido de que o mesmo protocolo produziria histórias diferentes, memórias diferentes e concordâncias diferentes em um tempo e lugar diferentes.”

» Tubo de ensaio | Fatos científicos da semana

Segunda-feira, 23 O BARATO QUE SAI CARO

A fast fashion é vista como uma maneira menos onerosa de vestir crianças, que, em fase de célebre crescimento, perdem rapidamente suas roupas. Entretanto, é preciso atenção. Estudos preliminares feitos nos Estados Unidos constataram que o tecido de algumas dessas peças contém um ingrediente tóxico e indesejável: chumbo. Após testarem diversas camisetas de diferentes varejistas, pesquisadores de graduação verificaram que as amostras excederam os limites regulamentares federais dos EUA para chumbo. Eles também estimam que mesmo mastigar brevemente esses tecidos (algo que crianças pequenas costumam fazer) pode expô-las a níveis perigosos de chumbo. Os resultados detalhados foram apresentados esta semana durante reunião da Sociedade Americana de Química (ACS). Líder do projeto, Kamila Deavers iniciou seus estudos depois que sua filha pequena apresentou brevemente níveis elevados de chumbo no sangue devido ao revestimento de brinquedos.

Wikimedia commons/Divulgação



Terça-feira, 24 NASA VAI CRIAR BASE NA LUA

A Nasa anunciou que vai suspender seu projeto de construção de uma estação espacial na órbita da Lua, chamada Gateway, para concentrar seus esforços na criação de uma base na superfície lunar, para a qual foram prometidos US\$ 20 bilhões (em torno de R\$ 105,12 bilhões). A decisão deve permitir redirecionar atenção e recursos para a construção da base já prevista nas proximidades do polo sul lunar, explicou o diretor da agência espacial dos Estados Unidos, Jared Isaacman. A região é estratégica devido à presença de água em forma de gelo em seu subsolo. “A base lunar não se tornará realidade da noite para o dia. Vamos investir nos próximos sete anos e construí-la ao longo de dezenas de missões, em colaboração com parceiros comerciais e internacionais”, assinalou.

Quarta-feira, 25 O DESTINO DE D'ARTAGNAN

Um esqueleto que poderia pertencer a d'Artagnan, o soldado francês que inspirou o romance *Os Três Mosqueteiros*, foi descoberto na cidade holandesa de Maastricht, onde ele morreu séculos atrás. A ossada foi encontrada na nave de uma igreja moderna cujas origens remontam pelo menos ao século 13, durante reparos relacionados a um desabamento parcial do piso em fevereiro, informou o L1 Nieuws, um veículo de mídia da província de Limburg. Charles de Batz de Castelmore, conhecido como d'Artagnan, o famoso mosqueteiro dos reis Luís XIII e Luís XIV, passou a sua vida a serviço da coroa francesa. O nobre gascão inspirou o herói de Alexandre Dumas em *Os Três Mosqueteiros* no século 19, personagem hoje conhecido mundialmente graças ao romance e às inúmeras adaptações cinematográficas. D'Artagnan foi morto durante o cerco de Maastricht, em 1673. O local onde o corpo foi enterrado permanece um mistério desde então.

Wikimedia commons/Divulgação



Quinta-feira, 26 MOSQUITOS DA MALÁRIA MAIS RESISTENTES

Os mosquitos *Anopheles darlingi* — um dos principais vetores da malária na América do Sul — estão evoluindo em resposta aos inseticidas, o que pode torná-los mais difíceis de matar e a malária mais difícil de controlar, de acordo com um estudo da Escola de Saúde Pública TH Chan de Harvard. A pesquisa é a primeira a sequenciar um grande número de genomas completos de *Anopheles* nas Américas, região onde ocorrem mais de 600 mil casos de malária anualmente, principalmente no Brasil, Colômbia e Venezuela. “Não esperávamos ver genes relacionados à resistência evoluindo tanto quanto vimos, e em tantos países diferentes. A resistência pode ser impulsionada por inseticidas agrícolas, e não especificamente por aqueles usados para o controle de vetores”, alertaram os autores.